



## DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DE ALTERAÇÕES ESPLÊNICAS EM CÃES

Paulo Henrique Custodio Rocha<sup>1\*</sup>, Natannael Fernandes da Luz<sup>2</sup> e Adriana Raquel de Almeida Anunciação<sup>3</sup>.

<sup>1</sup>Discente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Estadual do Maranhão – UEMA – São Luís/MA – Brasil – \*Contato: Paulo.henrique.c.r01@gmail.com

<sup>2</sup>Médico Veterinária autônomo – São Luís/MA – Brasil

<sup>3</sup>Docente do Curso de Medicina Veterinária – Universidade Estadual do Maranhão – UEMA – São Luís/MA – Brasil

### INTRODUÇÃO

O baço é um órgão linfóide secundário localizado no quadrante cranial esquerdo da cavidade abdominal dos cães, paralelo à curvatura maior do estômago<sup>3</sup>. Possui funções essenciais na manutenção da homeostase, atuando na filtração de hemácias envelhecidas, na fagocitose de microrganismos e no armazenamento de sangue e plaquetas, além de participar ativamente da resposta imunológica do organismo<sup>3</sup>. Alterações esplênicas podem comprometer essas funções vitais e causar consequências sistêmicas importantes, como a anemia, o choque hipovolêmico e a imunossupressão<sup>5</sup>. Entre as principais afecções que acometem o baço, estão as de origem neoplásica e não neoplásica, como hemangiossarcoma, hiperplasia nodular, hematomas, abscessos, torções e rupturas traumáticas<sup>2</sup>. O diagnóstico é desafiador devido aos sinais clínicos inespecíficos, sendo os exames de imagem e histopatologia fundamentais para a identificação e diferenciação das lesões<sup>8</sup>.

A esplenectomia, definida como a remoção cirúrgica parcial ou total do baço, sendo amplamente empregada na rotina médico veterinária, principalmente em casos de neoplasias, traumas e torção do pedículo esplênico<sup>3</sup>. Apesar de o baço não ser essencial à vida, sua retirada pode resultar em alterações hematológicas e imunológicas que exigem acompanhamento clínico rigoroso<sup>5</sup>. Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo revisar as principais alterações esplênicas em cães, abordando suas causas, métodos diagnósticos e o tratamento cirúrgico por meio da esplenectomia.

### MATERIAS E MÉTODOS

O presente trabalho consiste em uma revisão bibliográfica narrativa, elaborada com base em publicações científicas recentes relacionadas às alterações esplênicas e à esplenectomia em cães. A busca dos dados foi realizada por meio dos bancos de dados científicos Google Acadêmico, SciELO, PubMed, ScienceDirect, ResearchGate e no Portal de Periódicos da CAPES.

Foram utilizadas as seguintes palavras-chave, em português e inglês: “baço”, “esplenectomia”, “alterações esplênicas”, “hemangiossarcoma”, “splenectomy”, “splenic lesions” e “dogs”.

Adotou-se como critério de inclusão aqueles trabalhos publicados entre 2020 e 2024, que abordassem aspectos anatômicos, fisiológicos, patológicos, diagnósticos e terapêuticos das afecções esplênicas em cães.

### RESUMO DE TEMA

As afecções esplênicas em cães configuram um dos principais desafios na clínica e cirurgia de pequenos animais, sobretudo em cães idosos e sem raça definida, que apresentam maior predisposição a lesões esplênicas, como hemangiossarcoma, hiperplasia nodular e hematomas<sup>2</sup>. A alta prevalência dessas alterações evidencia a necessidade de monitoramento clínico preventivo e diagnóstico precoce, fatores determinantes para o sucesso terapêutico e a sobrevida dos pacientes<sup>2, 8</sup>. O avanço da expectativa de vida dos cães, aliado ao aprimoramento dos métodos diagnósticos por imagem, tem contribuído para o aumento da detecção dessas alterações<sup>2, 8</sup>.

Dentre as afecções mais frequentes que acometem o órgão, destacam-se as neoplásicas, com ênfase para o hemangiossarcoma, neoplasia de origem endotelial altamente invasiva, caracterizada por crescimento rápido e potencial metastático elevado, sendo responsável por grande parte dos casos de ruptura esplênica e morte súbita do cão<sup>2, 5</sup>. As lesões não neoplásicas, como hiperplasia nodular, hematomas e torções esplênicas, também possuem relevância clínica, podendo simular neoplasias em exames de imagem, o que reforça a necessidade de confirmação por meio de exame histopatológico<sup>6, 7</sup>.

O diagnóstico dessas alterações é frequentemente desafiador devido à natureza inespecífica dos sinais clínicos, que incluem apatia, palidez de mucosas, distensão abdominal e colapso circulatório, exigindo o uso de

métodos complementares, como a ultrassonografia abdominal com Doppler colorido, a tomografia computadorizada e o exame histopatológico para definição etiológica e prognóstica<sup>4</sup>. A acurácia diagnóstica obtida com a associação dessas técnicas é determinante para o estabelecimento de protocolos terapêuticos adequados e para a decisão quanto à necessidade de intervenção cirúrgica<sup>4</sup>.

A esplenectomia é definida como a remoção parcial ou total do baço, sendo amplamente indicada em casos de neoplasias, rupturas traumáticas, torções do pedículo esplênico e abscessos, apresentando resultados satisfatórios quanto à sobrevida quando associada a manejo anestésico e hemostático adequados<sup>3</sup>. O procedimento cirúrgico é realizado, de forma geral, por meio de uma celiotomia na linha média ventral, cuja extensão pode variar de acordo com as dimensões do órgão e a necessidade de uma laparotomia exploratória<sup>3</sup>. Após a abertura da cavidade abdominal, o baço é exteriorizado cuidadosamente, permitindo a visualização de seu hilo e dos vasos esplênicos<sup>3</sup>. Em seguida, procede-se à ligadura dupla e secção dos vasos do hilo esplênico, incluindo a artéria esplênica, veia esplênica e vasos curtos gástricos, mantendo a homeostasia adequada<sup>3</sup>. O órgão é então removido, e a cavidade é inspecionada para verificação de possíveis sangramentos residuais antes do fechamento das camadas abdominais<sup>3</sup>. Essa técnica requer atenção para evitar lesões no pâncreas e nos vasos gástricos adjacentes, sendo essencial o controle rigoroso de hemorragias durante o procedimento<sup>3</sup>.

Entretanto, estudos recentes evidenciam que a ausência do órgão pode acarretar alterações hematológicas, como linfocitose e trombocitose, além de redução da imunocompetência, o que reforça a necessidade de acompanhamento clínico e laboratorial prolongado<sup>5</sup>.

Como alternativa promissora, pesquisas sobre o autoimplante esplênico vêm demonstrando potencial na preservação parcial das funções imunológicas e hematológicas, sugerindo uma estratégia viável para casos não neoplásicos ou de esplenectomia total inevitável<sup>1</sup>. Tais avanços refletem a busca por procedimentos menos invasivos e mais conservadores, alinhados aos princípios de bem-estar animal e medicina regenerativa<sup>1</sup>. Dessa forma, a compreensão das doenças esplênicas em cães é essencial para aprimorar as práticas clínicas e cirúrgicas e promover maior longevidade e qualidade de vida aos animais.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão bibliográfica realizada evidencia que o sucesso terapêutico nas afecções esplênicas depende diretamente da integração entre o diagnóstico precoce, a correta escolha e a boa execução das opções diagnósticas disponíveis, associadas à avaliação cirúrgica minuciosa e à realização precisa do procedimento operatório. A utilização criteriosa de exames complementares, como ultrassonografia, tomografia computadorizada e hemograma completo, permite a detecção precoce de alterações estruturais e funcionais do baço, favorecendo o planejamento cirúrgico individualizado e a redução de riscos intra e pós-operatórios.

Além disso, o monitoramento rigoroso no período pós-cirúrgico é essencial para prevenir complicações e garantir uma recuperação satisfatória. Dessa forma, ressalta-se que o êxito terapêutico depende não apenas da habilidade técnica do cirurgião, mas também da qualidade na condução dos métodos diagnósticos e da atuação integrada entre as diferentes áreas da medicina veterinária, reforçando a importância de uma abordagem multidisciplinar no manejo das doenças esplênicas.

Conclui-se que o manejo das doenças esplênicas requer uma abordagem integrada entre diagnóstico, cirurgia e acompanhamento clínico, buscando o equilíbrio entre eficácia terapêutica e bem-estar animal. Além de seu impacto clínico, o tema reafirma a importância da Medicina Veterinária dentro do conceito de Bem-estar animal.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



## XVI Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente

1. COSTA, I. Q. **Auto implante esplênico em cães.** Trabalho de Conclusão de Curso, Centro Universitário de Brasília - DF, 2022.
2. DOS SANTOS, C. M. **Alterações esplênicas em cães.** Trabalho de Conclusão de Residência, Universidade Federal de Brasília - DF, 2024.
3. GOLTZ, L. V.; CERON, C. O. Esplenectomia em cães - revisão bibliográfica. **Veterinária: Desafios e tendências da ciência e tecnologia**, 2023.
4. GOUVEIA, F.; CARNIATTO, C. H. O. Esplenectomia em cão com hemangiossarcoma grau II: relato de caso. **Anais do EVINCI**, v.9, n.1, p. 265-275, 2023.
5. GUSMÃO, B. S. **Avaliação das alterações hematológicas de cães submetidos a esplenectomia total como fator prognóstico.** Dissertação, Universidade Estadual de Londrina - PR, 2024.
6. MELLO, T. F. E. Relato de caso: esplenectomia em cadela com Sarcoma de células Fusiformes em baço. **Brazilian Journal of Development**, p. 56787-56798, 2022.
7. SANTI, P. R.; SANDRIN, C. B.; CRUZ, M. B. G. Torção esplênica primária em cão: Relato de caso. **Pubvet**, v. 18, n. 09, p. e1658-e1658, 2024.
8. SANTOS, P. E. D. S. **Esplenectomia em cães: estudo retrospectivo de 55 casos no período de 2021 a 2024.** Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Uberlândia - MG, 2024.

APOIO:



LIGA ACADÊMICA DE  
ANATOMIA APLICADA  
VETERINÁRIA

LIGA ACADÊMICA EM ANATOMIA VETERINÁRIA APLICADA - UEMA

